

**31º Encontro Anual da ANPOCS, de 22 a 26 de outubro
de 2007, Caxambu, MG
Seminário Temático 18: Estudos de Gênero –Teoria e
Pesquisa**

*Poder, cultura e esporte: um estudo etnográfico do Jockey
Club do Paraná*
Miriam Adelman, Universidade Federal do Paraná.

Resumo: A pesquisa aqui proposta insere-se em várias áreas substantivas da sociologia contemporânea (assim como no campo transdisciplinar dos Estudos Culturais), visando contribuir para estudos sobre cultura urbana, lazer e esporte na atualidade e sobre os dinâmicos processos vinculados às relações de gênero na sociedade brasileira atual. Tem como objetivo específico, a realização de um estudo etnográfico do Jockey Club do Paraná, que dá destaque a várias questões centrais: 1) mudanças históricas – qual o lugar que o esporte do turfe ocupa na cultura e sociedades locais para 2) produzir, a partir deste olhar historicizado, um retrato de mudanças e o que estas significam para os diversos atores sociais envolvidos, ou seja, as pessoas que vivem e dependem de, e/ou identificam-se com estas atividades e 3) as relações de gênero, como elemento destas mudanças. Desconsiderando, por enquanto, a questão dos espectadores, podemos ver que o turfe é historicamente um espaço majoritariamente (se não exclusivamente) masculino. A participação das mulheres como “joquetas” é fenômeno recente, assim como o é a crescente participação de mulheres como veterinárias e noutras funções deste campo. Portanto, torna-se um lugar interessante para trabalhar na identificação das tendências de mudança nas relações de gênero no Brasil na atualidade, de forma particularmente sensível às conexões classe/raça/ gênero, sendo que os/as jockeys proveem principalmente de camadas populares que por sua vez caracterizam-se como posição social onde arraigam-se formas particulares de resistência ao desmanche da “dominação masculina”.

Palavras-chave: turfe brasileiro; lazer e cultura urbanos; gênero e espaço; mulheres atletas; masculinidades.

Introdução

Para os/as cientistas sociais de hoje, considerar como é que chegamos aos nossos objetos de pesquisa - ou como estes “chegam” até nós- é um exercício significativo, fascinante e necessário. O crescente reconhecimento do vínculo subjetivo que está por trás das escolhas de objetos, temas e projetos, e a forma como esse vínculo possa *vir a fortalecer* o trabalho científico, marca a legitimidade ganha pelas perspectivas interpretativas que se distanciam de preocupações positivistas e “cientificistas” mais aceitas noutras épocas; conduz também a todo um campo de discussões metodológicas e epistemológicas sobre a “posição de sujeito” da autora ou do pesquisador, como ponto de partida de cada trabalho e cada reflexão teórica.

A pesquisa que apresento aqui, nasceu de outros projetos meus, acabados e inacabados. Tem relação estreita com os trabalhos que realizei vários anos atrás sobre mulheres nos esportes e particularmente nos esportes eqüestres, interessantes para mim não só pelo que oferecem como campo para estudar gênero e esporte, senão por meu envolvimento pessoal de longos anos. A pesquisa que realizei vários anos atrás com amazonas do hipismo clássico me colocou o desafio de ampliá-la para incluir a participação feminina num meio eqüestre menos elitizado, no qual – no entrecruzamento de questões de classe e gênero –

talvez achasse atitudes, comportamentos e ideologias de gênero um tanto diferentes. Tinha identificado o meio do rodeio como terreno possível, assim como refletido sobre a importância de trabalhar de forma mais “etnográfica” - isto é, visando a reconstrução de todo um universo social, simultaneamente material e simbólico – e portanto, desta vez, abrangendo também aos homens que participavam do meio. Desta forma, poderia captar as relações de gênero no seu desenrolar mais *relacional*, conforme a muito citada insistência da teórica Joan Scott (1990)¹ Quando numa visita casual ao Jockey Clube do Paraná em maio de 2006, me comentaram que a Escola de Aprendizes do Clube tinha recentemente começado a aceitar meninas, decidi investigar a possibilidade de estudar a participação feminina nesse lugar, que eu conhecia como um espaço até então bastante masculino. Da dúvida inicial, no sentido de não saber se faria muito sentido uma pesquisa focalizando a questão da participação das mulheres num ambiente no qual esta continuava sendo extremamente restrita (na época, tinha duas meninas aprendizes e uma jocqueta profissional), passei a pensar noutras questões, como o próprio assunto da construção e manutenção de espaços masculinos de esporte e lazer.

De fato, considero que o Jockey Clube do Paraná pode ser visto como um espaço *sui generis*, um pequeno mundo onde se desenrolam todos os dias atividades pouco características do espaço urbano, um lugar separado por amplos muros do bairro da cidade onde se localiza; é um espaço de lazer (e trabalho) urbano, e um espaço de sociabilidades que remetem a uma época anterior a atual que parece estar em declínio hoje, gerando uma crise que pode ameaçar a sobrevivência das pessoas que dele dependem. Neste contexto, emerge também o interesse de estudá-lo como um espaço de *homossociabilidade*², e como tal, indagar sobre o (pequeno, possível) espaço aberto para a participação das mulheres num ambiente tão histórica e tradicionalmente masculino, e inclusive, sobre o que esta participação pode significar num momento caracterizado mais pelo declínio do que a expansão deste mundo de esporte e lazer urbanos.³

¹ Texto que teve uma amplíssima e extraordinária influência nos estudos de gênero no Brasil.

² De fato, a histórica exclusão das mulheres do espaço público na modernidade coloca já a *homossociabilidade* – formas de convivência e lazer partilhadas pelos homens – como formato comum e característico de diversos espaços sociais. Um trabalho de referência para qualquer pensamento sobre esta questão encontra-se em Kosofsky Sedgwick (1985)

³ Mudanças nas práticas e padrões de cultura e no lazer urbanos: entre as questões apontadas pôr CP Gusso, proprietário de cavalos de corrida, JCP, em entrevista 3/11/2000, é a do progressivo abandono da tradição de passagem de envolvimento no esporte de pai para filho .

Reflexões teóricas iniciais para a construção do objeto.

Estudar o campo esportivo do turfe brasileiro traz à tona uma série de debates teóricos extremamente relevantes para a atualidade. Tendo se passado de “primeiro esporte organizado sobre bases modernas no Brasil” (MELO, 2006) para um terreno esportivo que se vê ameaçado pela perda de popularidade e participação, diz respeito a mudanças culturais históricas e atuais que tem sido objeto de amplo debate nas ciências sociais contemporâneas – as relações entre a cultura e o lazer das elites, a cultura popular e gênese da cultura de massas (fenômeno histórico que consolida-se no pós-guerra).

O turfe é implantado na sociedade carioca do século XIX como parte da missão das elites brasileiras de tornar o Brasil parte do “mundo civilizado”, mas o processo de seu estabelecimento envolveu a apropriação do entusiasmo e interesse popular em tradições de corrida de cavalo que pertenciam ao meio rural. Como Melo (ibidem) mostra, as tentativas de subordinar as formas mais tradicionais e populares deste esporte equestre à organização centralizada, burocratizada e mediada pelo mercado foram muito claras. Trata-se de um caso “clássico” de elites modernizantes agindo como grupo com interesses definidos, que conseguiram impor os contornos desejados aos costumes pré-existentes, assim como gerar novo interesse na modalidade. Seu êxito demonstrou-se na criação de uma estrutura esportiva com “uma forte inserção social, manifesta inclusive em sua presença na imprensa da época, na afluência de grande público aos hipódromos (desde os mais populares até a família Real e depois presidencial) e ao impacto que tinha nas estruturas cotidianas da cidade” (ibidem, p. 3).

Os esportes equestres populares, como as conhecidas “corridas de cancha reta” não desapareceram - são tradições que se mantêm até hoje - senão continuaram sendo praticados num mundo relativamente afastado dos esportes organizados sobre bases comerciais, capitalistas e burocráticas. Talvez possamos pensá-los como “espaços de resistência popular” que inclusive permitem que se mantenha uma distinção, ainda relativa, entre “cultura popular” e “cultura de massas”⁴ Por outro lado, como Melo assinala, o turfe encontrou uma receptividade popular urbana grande nos seus primeiros tempos; e minha própria pesquisa inicial vem mostrando o trânsito entre os “dois mundos” através da procura de pessoas do meio rural e semi-rural que por meio do turfe procuram ou

conseguem inserção no mercado de trabalho (e mundo da vida) urbano.⁵ E como devemos ter sempre presente, o que é “lazer” para uns, para outros é trabalho;⁶ a expansão de formas organizadas de lazer urbano podem portanto também serem analisados neste sentido.

Desde uma perspectiva de gênero que ingressa nas análises contemporâneas da cultura levantando questões que geralmente vinham sendo ignoradas ou mal compreendidas nas perspectivas canônicas (HALL, 2003; ADELMAN, 2004), a transição de jogo, festividade ou competição popular para “esporte moderno” ganha uma outra dimensão que permite problematizações mais complexas sobre cultura e poder. Permitem entre outras coisas pensar nas relações de poder que operavam também nas “práticas populares”. As tradições populares vinculadas a atividades que tornam-se posteriormente, “esporte”, não parecem ter mantido muito espaço para a participação feminina. Neste sentido, podemos cogitar a hipótese da “organização do esporte (turfe) sobre bases modernas” pode ter aberto nas suas fases mais recentes (mas não nas iniciais!) um espaço novo onde as mulheres, num contexto de resistência e luta, reivindicam e conquistam maior participação

Estudar o JCP também significa estudar um *espaço urbano* particular, estabelecido como espaço de lazer e sociabilidade, e que se constitui, como irei argumentando, como um espaço profundamente *generificado*. Dos clássicos, é Simmel que percebe que a sociabilidade tem uma importante dimensão espacial. Assim como a cidade não é, para ele, “*a spatial entity with sociological consequences, but a sociological entity that is formed spatially*”, a “sociação” simmeliana implica no uso e na experiência do espaço, e aponta para alguns aspectos concretos que merecem nossa atenção:

For Simmel, sociation involves the use and experience of space. Sociation involves sharing space. In this way social relations can be said to assume a spatial form. This space/place forms as a context for action. Several basic qualities of sociation involving a spatial dimension are identified by Simmel. These include: the exclusivity or uniqueness of space, the partitioning of space; the degree of fixity that space offers to social forms; spatial proximity and distance and finally movement through space.”
(JARVIE; MAGUIRE, 1994:39)

⁴ Autores como Raymond Williams, Stuart Hall e Nestor Canclini servem de referências para esta discussão.

⁵ . Dos que praticavam “esportes equestres” em comunidades rurais e semi-rurais, alguns têm chances de ser tornar jôqueis (poucos); outros ganham a vida com o cavalo em funções ainda subordinados como “tratadores”, outros como treinadores etc.

⁶ Este é um ponto devidamente enfatizado por Jarvie e Maguire (1994) no seu excelente livro, simultaneamente introdutório e complexo, sobre a sociologia do esporte e do lazer, *título*.

Assim, para Simmel e outros que adotam uma abordagem fenomenológica, as pessoas “*make place as well as social structure*” (LOW; ZUNIGA, p. 5); estudar como os sujeitos se relacionam com o espaço, como se relacionam com *outros* no espaço, pode revelar muito sobre as complexas dinâmicas da vida social, seus conflitos, hierarquias e também seus momentos de construção de relações de reciprocidade. Como é colocado em estudos que pertencem ao campo contemporâneo da antropologia do *espaço* e do *lugar*, tratam-se de processos mediante os quais as pessoas fazem, do *espaço*, um *lugar*. (idem)

Nesta mesma literatura, há crescente atenção dada às relações de gênero como fundamentais na construção dos espaços sociais, e da dimensão espacial na construção social das relações de gênero. Zuñiga e Low oferecem uma definição clara e útil de espaços generificados, ou *gendered spaces* – “*particular locales that cultures invest with gendered meanings, sites in which sex-differentiated practices occur, or settings that are used strategically to inform identity and produce and reproduce asymmetrical gender relations of power and authority*” (ibidem, p. 7) As autoras falam sobre a tendência histórica nos estudos feministas e de gênero, de priorizar o estudo dos espaços do lar, do doméstico. Isto embora não deixe de corresponder a uma certa lógica, a de fazer estes espaços emergir da invisibilidade ou menosprezo que caracterizava as formas mais convencionais das ciências sociais tratarem “o feminino” - também criou uma lacuna, no sentido de deixar de estudar outros espaços na sua dimensão *generificada*. Se bem, como aponta Felski (1995), a teoria social e literatura modernas tenderam a absolutizar a exclusão das mulheres dos espaços públicos, com as mudanças nas relações de gênero que vem ocorrendo desde a segunda metade do século XX, torna-se ainda mais necessário ampliar esta perspectiva de pesquisa, para incluir outros espaços sociais em transformação. Devemos também estudar os espaços historicamente construídos como masculinos desde esta perspectiva de gênero, isto é, sofisticar o olhar sobre espaços inicialmente associados ao masculino – os “espaços públicos” - perguntando como é que essa construção ocorre. Como é que diversos grupos de homens agem nesta construção? Quais as mulheres que chegaram (ou chegam) a transitar por esses espaços, e em que condições? Quais as experiências destas mulheres, e como tendem a ser representadas?

Um primeiro trânsito pelo espaço/lugar que é o Jockey Clube do Paraná me fez pensar no mesmo como *espaço de homosociabilidade*, conforme o conceito desenvolvido por Eve Kosofsky Sedgwick no seu trabalho pioneiro (assinalado como texto fundante da *teoria queer*), *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire* (1985). Ao voltar seu olhar, forjado na teoria feminista dos anos 70 e 80, para os padrões de sociabilidade e interação entre homens no espaço público – e conforme representados na literatura inglesa da época - ela traz à descoberta uma dimensão até então insuficientemente estudada e elaborada, da construção de espaços e discursos onde a exclusão das mulheres é um elemento central para o tipo e o conteúdo de laços sociais (e também, por vezes, sexuais e eróticas) *entre homens*.⁷ A questão de classe, ela adverte, é também fundamental, constituindo um princípio de heterogeneidade e assimetria que por sua vez mantém um caráter constitutivo nas relações estabelecidas como “homosociais”.

Nos anos 80 e 90 – pouco depois da publicação do livro de Kosofsky Sedgwick - no mundo inteiro e sendo rapidamente incorporado nos estudos de gênero no Brasil (cf. Ribeiro e Ferraz, no prelo) floresce a produção teórica e a pesquisa empírica e histórica sobre masculinidades.⁸ O estudioso Robert Connell (1995a;1995b), grande pioneiro desta área, propõe uma forma de pensar gênero e poder capaz de complexificar nossa compreensão do masculino e dos homens como atores sociais. “Os homens” não podem ser pensados em termos monolíticos, pois inserem-se na ordem de gênero, assim como no mundo social em geral, de formas muito diferenciadas, envolvendo uma gama de fatores desde os relativos à posição social “objetiva”, recursos materiais e simbólicos, e subjetividades. A “masculinidade hegemônica” é a categoria que Connell desenvolve para referir-se a um grupo que se define por serem homens que pertencem à elite também em

⁷ Uma importante explicação dada, logo de início, pela autora, é a seguinte: “*‘Homosocial’ is a word occasionally used in history and in the social sciences, where it describes social bonds between persons of the same sex; it is a neologism, obviously formed by analogy with ‘homosexual’, and just as obviously meant to be distinguished from ‘homosexual’. In fact, it is applied to such activities as ‘male bonding’ which may, in our society, be characterized by intense homophobia, fear and hatred of homosexuality. To draw the ‘homosocial’ back into the orbit of ‘desire’, of the potentially erotic, then, is to hypothesize the potential unbrokenness of a continuum between homosocial and homosexual- a continuum whose visibility, for men, in our society, is radically disrupted. It will become clear, in the course of my argument, that my hypothesis of the unbrokenness of this continuum is not a genetic one – I do not mean to discuss genital homosexual desire as ‘at the root of’ other forms of male homosociality – but rather as a strategy for making generalizations about, and marking historical differences in, the structure of mens’ relations with other men.*” (ibidem, p.1-2)

⁸ Referências para esta discussão serão Robert Connell, Michael Kimmel, Robert Morrell e Miguel Vale de Almeida, entre outros.

termos de classe e raça/etnicidade e ocupam uma posição social superior não só relativa s mulheres, senão a outros homens (proletários, ou gays, por exemplo). Nas suas discussões teóricas e empíricas, desenvolvidas a partir de realidades culturais diferentes das latinoamericanas, enfatizam-se as divisões entre os homens, que os separam e os organizam hierarquicamente mesmo tendo em vista a existência do “dividendo patriarcal” que reverte para todos eles, dada a persistência de estruturas materiais e simbólicas da dominação masculina.

Falando desde a realidade ibero-americana, o antropólogo português Miguel Vale de Almeida (2000) começa seu estudo sobre sociabilidade masculina numa aldeia portuguesa definindo a masculinidade hegemônica como um “modelo cultural ideal” que “não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens um efeito controlador, através da incorporação, da ritualização das práticas da sociabilidade quotidiana e de uma discursividade que exclui todo o campo emotivo considerado feminino”(p.17). Trabalhos brasileiros recentes (cf. Ribeiro e Ferraz, no prelo) estudam mudanças que podem estar ocorrendo neste modelo cultural, tendendo a identificar nas “camadas médias”, uma abertura a atitudes antes tidas como marcadoras do feminino (e portanto, profundamente estigmatizadoras para os homens), principalmente relativas à estética corporal, envolvimento familiar, e expressão de emoções. Mas não parece haver muito consenso relativo às mudanças atuais na cultura e sociedades brasileiras. Oliveira (2003) enfatiza a resistência à flexibilização dos comportamentos masculinos particularmente dentre as camadas populares, e Cecchetto (2004) defende que a “crise da masculinidade” apontada por autores de outras partes do mundo não seria aplicável à sociedade brasileira contemporânea, na qual ainda prevalece o “complexo honra e vergonha masculina” das sociedades mediterrâneas.

Contudo, mesmo se reconhecendo a importância de pesquisar as especificidades das culturas latinoamericanas e a brasileira em particular, indagando sobre a possível “inexistência” da crise, as mudanças nas relações de gênero atualmente em curso devem abrir algum espaço para uma deslegitimação da dominação masculina que Connell (1995b) percebe como *global*, e que deve-se em grande parte às várias décadas de ação dos movimentos sociais - particularmente o feminismo, e o movimento gay - que promovem a

problematização das atitudes masculinas. Estes movimentos têm presença forte no Brasil desde os anos 80.

Observação já feita no Jockey Clube no Paraná me permite pensar que neste espaço de presença muito majoritariamente masculina no qual misturam-se lazer e trabalho de forma particular, se desenvolve uma forma de homossociabilidade significativa, inclusive por englobar homens de classes e posições sociais diferentes⁹ Neste sentido, pretendo explorar a noção de homossociabilidade na sua relação com alguns traços culturais brasileiros observados por antropólogos e historiadores que geralmente não exploraram suas possíveis dimensões de gênero. Refiro-me, entre outros, ao conhecido conceito de *homem cordial* como forma de sociabilidade que ao mesmo tempo que fomenta a convivência entre pessoas que talvez noutras sociedades não teriam muito espaço de troca e interação informais - fora das relações institucionalizadas e regimentadas como por exemplo as do trabalho - também serve para mascarar as hierarquias e desigualdades sociais e a violência que faz parte destas relações. Penso que no contexto específico que pretendo estudar, a *cordialidade* observada entre homens de posições sociais diferentes - que se desenrola num espaço que mistura trabalho, lazer e esporte de uma forma particular - talvez se viabilize, antes de mais nada, pela forma que sustenta vínculos de identificação baseados em gênero (que permitem, de forma forte embora temporária, transcender essas “outras” desigualdades). Para poder explorar mais esta hipótese, uma identificação dos *tipos de masculinidade* que ali se encontram e se constroem seria um primeiro passo - desde a “masculinidade hegemônica” dos proprietários e criadores, até os “tratadores” ou cavaleiros que ocupam o nicho mais baixo na hierarquia masculina de posição social e status.¹⁰

E é neste contexto que torna-se ainda mais interessante estudar o que acontece com a entrada (recente e ainda muito minoritária) das mulheres em cena. Em entrevistas iniciais, poucos homens expressaram atitudes abertamente hostis à nova participação de mulheres no mundo do Clube - sendo as mais notáveis, as veterinárias, as jóqueis (“jocquetas”) e as aprendizes que entraram na Escola de Aprendizes do JCP. As percepções das mulheres, no

⁹ Hipótese que encontrou apoio na entrevista feita em outubro, 2006, com o ex-jocquei JR

¹⁰ Parece, por enquanto, possível afirmar que não só os cavaleiros senão também os jóqueis pertencem em grande parte às camadas de pessoas deslocadas por processos recentes que mexeram com a estrutura da vida rural e do emprego.

entanto, tendem a apontar para uma realidade mais complexa e conflituosa, como costuma ser quando se trata do ingresso feminino nos espaços histórica, social e culturalmente tidas ou construídos como masculinos. As experiências das mulheres na sua inserção profissional nesse espaço (focalizando os dois grupos de mais presença profissional, as jóqueis e as veterinárias) tornam-se, desta forma, material fundamental para minha pesquisa. No caso das jóqueis, sua inserção como atletas e competidoras traz à tona toda uma série de discussões de trabalhos meus anteriores, sobre *mulheres no esporte* e nos esportes equestres em particular.

Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades

Eu sempre amei os cavalos, e adorava montar na fazenda da minha família... Mas não sabia, de fato, montar... Então quando vi isso aqui [prova de salto na Sociedade Hípica Paranaense], fiquei maluca. Meu Deus do Céu, que maravilha! Falei para meus pais que estava a fim de entrar na Hípica para aprender a montar e eles disseram que não, que é muito perigoso, para menina não!

- Adriana, entrevistada, amazona e veterinária.

O campo das práticas esportivas e corporais é, com certeza, um terreno extremadamente fértil para testar hipóteses sobre as mudanças nas relações e representações de gênero na sociedade contemporânea, um lugar particularmente sensível para indagar os rumos de uma cultura em transição – transição para padrões mais igualitários, mais “andróginos”, ou talvez, avançando embora lentamente no sentido de uma certa “despadronização”. O esporte, em particular, tornou-se durante mais de um século, o lugar de disputas intensas sobre o que pode/dever fazer um “corpo masculino” ou um “corpo feminino”, tanto pelo lugar central que ocupava na construção de novas formas mais “pacificadas” da construção da masculinidade (OLIVEIRA, 2004) quanto pelo que isto poderia significar para as mulheres que, desde a segunda metade do século XIX vinham lutando contra normas de feminilidade que, como disse Maria Rita Kehl (1998), estreitavam demais os roteiros que elas tinham à disposição para a construção de uma vida. Essa feminilidade impunha a domesticidade como “norma” – embora esta de fato tenha sido “privilegio” de raça e classe – e implicava em fortes controles sobre os corpos das mulheres – sua sexualidade, sua liberdade de movimento, e seu uso do espaço urbano no qual o esporte e as atividades físicas tornavam-se uma forma de lazer cada vez mais visível. É para esse contexto que Silvana Goellner, historiadora do esporte e da educação física, fala do mundo esportivo como um território “permeado por ambigüidades ... simultaneamente, fascinava e

desassossegava homens e mulheres, tanto porque contestava os discursos legitimadores dos limites e condutas próprias de cada sexo, como porque, por meio de seus rituais, fazia vibrar a tensão entre a liberdade e o controle das emoções, e também de representações de masculinidade e feminilidade”.(GOELLNER, 2004:367) Goellner, junto com o que hoje são muitas outras estudiosas da área do esporte, põe a nossa disposição a história da luta de mulheres que em muitas partes do mundo foram as pioneiras na abertura do mundo do esporte à participação feminina, que chega nos últimos tempos a um momento em que as mulheres participam de quase todas as *modalidades* esportivas, embora a maior parte destes esportes ainda organizem-se pelas categorias de “sexo” (gênero)¹¹, e continua sendo comum ver emergir polêmicas que tem como sub-texto, ansiedades relativas aos limites da desconstrução das fronteiras entre os sexos (gêneros).

Por outro lado, nossa atual “cultura da transição” traz algumas dificuldades particulares, de caráter teórico, para quem trabalha na área de estudos de gênero, e para quem deseja estudar o esporte como espaço de transgressão – e/ou de normatização – de identidades e corporalidades generificadas. Pois resulta cada vez mais complicado abordar temáticas sobre “identidades” e subjetividades na sua relação com o gênero, e os perigos de reproduzir as antigas dicotomias que homogeneizam as categorias de “homem” e “mulher” parecem enormes, especialmente num momento em que movimentos sociais e culturais ressaltam a presença de pessoas transgêneros, e de diversas formas de produzir “interrupções subversivas” nas cadeias de significação que a teórica *queer* Judith Butler aponta como a base discursiva da ordem de gênero fundada numa “matriz heterossexual”.¹² Exigem-se complexas problematizações da relação entre “biologia” e “cultura”, das diversas capacidades, destrezas e formas expressivas dos corpos e das pessoas, e sobre as múltiplas possibilidades de re-significação fornecidas pela cultura pós-moderna atual (a partir, com certeza, de persistentes lutas, conflitos, e negociações) Mas ao mesmo tempo, como a filósofa feminista Susan Bordo (1994) nos adverte, estamos ainda longe de um momento “pós-gênero”, as práticas subversivas ainda não se afirmam como majoritárias, e

¹¹ Aparentemente no esporte, se estaria trabalhando com essa “diferença mínima” da anatomia dos corpos, mas como aponta Judith Butler, valer-se de uma distinção sexo (biológico) /gênero (cultura e “papel social”) merece problematização, sendo que tal distinção pressupõe que teríamos acesso a algum momento prévio à cultura e a nosso próprio esforço cognitivo e linguístico de apropriação do mundo.

¹² A correspondência normativamente imposta, entre os termos: macho/homem/masculino/objeto de desejo=mulher; fêmea/mulher/feminino/objeto de desejo=homem.

a cultura pós-moderna, atrelada ainda aos discursos hegemônicos disseminados poderosamente nos meios de comunicação de massas, produz a cada momento novas formas de disciplinar os corpos e os sujeitos, segundo critérios dicotômicos e desiguais sobre o que pode/dever ser e fazer, uma mulher, ou um homem.

A escritora feminista Susan Brownmiller alguma vez definiu *a feminilidade como estética da limitação*. Se com isso resumem-se os impulsos dominantes de vários séculos de cultura moderna, entende-se bem porque o esporte – prática que convoca, pelo menos nas suas modalidades competitivas, a “desafiar os limites” das competências corporais - iria tornar-se um cenário de muitos conflitos e lutas sobre o que pode ser/fazer uma mulher. Para as mulheres, torna-se uma disputa por acesso a espaços, legitimidade, e recursos materiais e simbólicos, que encena de forma muito sensível, a luta maior para ter controle sobre o próprio corpo, e sobre a vida. É um conflito que envolve uma série de atores sociais: homens e mulheres como indivíduos e como familiares, o Estado (com um grande investimento na definição de “deveres”, “direitos” e “funções sociais” para cada sexo)¹³, profissionais da saúde e da educação, a imprensa e as novas instituições esportivas, entre outros.

O avanço das mulheres no mundo do esporte, desde o espaço muito limitado que tinham na época em que a noção de fragilidade feminina imperava, até a gradual conquista de atuação esportiva diversificada tanto a nível do esporte amador quanto profissional, é um fenômeno amplamente reconhecido hoje em dia. Mas, como comentei acima – continua sendo um terreno muito sensível e que potencialmente pode nos dizer muito sobre o *status* atual das mudanças sociais e culturais no âmbito das relações de gênero. Quais as conseqüências maiores da atuação esportiva das mulheres numa cultura que supostamente abandonou o ideal da “fragilidade feminina” e embarcou na construção normativa de uma “cultura *fitness*”? Quais as representações hegemônicas das atletas na mídia? A antiga preocupação com a “masculinização” das mulheres que se dedicam ao esporte continua pautando comportamentos e julgamentos? E –talvez a questão mais interessante ainda – como é que as próprias atletas vivem e interpretam suas experiências no mundo do esporte,

¹³ No Brasil, o Estado não hesita em promover legislação que proíbe a participação das mulheres em determinadas atividades esportivas. (GOELLNER, op. cit.)

e o que podemos dizer sobre as formas em que a prática de esporte, a nível profissional e/ou amador, estruturam a subjetividade e a identidade das mulheres que se envolvem nela?

Estas perguntas – algumas das perguntas que orientam o que hoje é um vasto campo de pesquisa no Brasil e no mundo – também me conduziram numa pesquisa comparativa realizada em Curitiba, vários anos atrás, com dois grupos de atletas mulheres com características bastante diferentes. Um grupo, a das jogadoras da seleção nacional de vôlei, caracterizava-se pela inserção no “grande mundo” esportivo nacional, ou seja, pertenciam a um time e um esporte integrados aquilo que o sociólogo inglês Joseph Maguire chamou de “*global sport media complex*”. Participes deste contexto midiático e espetacularizado – sustentado por poderosas organizações esportivas locais e globais - elas adquirem acesso a ascensão social, ao prestígio e às vantagens materiais de uma vida profissional no esporte¹⁴. Mas também – como a mesma pesquisa punha em evidência – este campo esportivo também usufrui de convenções patriarcais do disciplinamento e espetacularização do corpo feminino, talvez mais do que fomentar um espaço de desafio às definições normativas da feminilidade.¹⁵

O outro grupo, a das amazonas do hipismo clássico, trata-se evidentemente de um grupo de atletas que praticam um esporte de elite e que sustenta vínculos mais tênues com o grande complexo esporte. Contudo, embora mais longe dos holofotes da mídia, os praticantes do hipismo clássico se movimentam num mundo esportivo que, como enfatizaria o grande sociólogo francês Pierre Bourdieu, não deixa de encenar processos sociais de *distinção* (de classe). Ao mesmo tempo, desde *uma perspectiva de gênero*, é um campo esportivo que permite testar algumas idéias sobre práticas esportivas e corporais como espaços de transgressão.

Meu interesse em pesquisar as amazonas foi instigado inicialmente por uma série de artigos que apareceram na seção esportiva da *Folha de São Paulo* em 1995, sugerindo que o hipismo promovia a “igualdade entre os sexos” (ADELMAN, 2003; 2004). A pesquisa bibliográfica de uma primeira fase - uma revisão da história das mulheres nos esportes eqüestres - me conduziu pelos labirintos de todo um mundo de transgressões femininas: as mulheres que desde final do século XIX, participavam – particularmente nos EUA e na

¹⁴ Como sabemos o esporte é via de ascensão social para homens de camadas populares, e pode sê-lo também para algumas mulheres – ainda com menor status de celebridade e menores salários!

¹⁵ Para mais sobre a pesquisa, ver Adelman (2003).

Europa - do circo, do rodeio, e de alguns outros contextos nos quais, como o mesmo nome de “amazona” sugere, elas exercitavam sua competência em atividades cujos riscos e desafios supostamente descaracterizariam um sujeito feminino. Temos acesso a documentação histórica que preserva as estórias das quase legendárias “mulheres que ousavam” – figuras então excepcionais¹⁶, como a artista alemã que atuava no famoso circo norteamericano Barnum & Bailey, Katie Sandwina (DAVIS, 2002; 82-83) e Lucille Mulhall – que ganhou reconhecimento na imprensa da época como “*America’s first cowgirl*”. Esta, nascida em 1885, em 1900 já se apresentava em NY como integrante experiente do rodeio que mostrava, para os habitantes das grandes cidades, atividades espectacularizadas encenadas para captar um pouco do “espírito da fronteira” do oeste para pessoas que tanto geograficamente quanto nos costumes do cotidiano estavam muito distantes da mesma.¹⁷

Ao longo do século XX, o rodeio nos EUA foi se profissionalizando, nos moldes do esporte contemporâneo, criando nesse processo um circuito alternativo para mulheres. Embora isto permitisse que mais mulheres pudessem viver dessa atividade, teve também o efeito de reforçar a noção delas não serem as competidoras legítimas dos homens. Noutras modalidades dos esportes eqüestres, algumas mulheres pioneiras também se destacaram pelas lutas pela participação e a visibilidade. Neste sentido, o hipismo clássico tem algumas particularidades, pois apesar da histórica participação das mulheres inglesas nas artes eqüestres – inclusive na caça da raposa, saltando os mesmos obstáculos que seus companheiros, apesar da grande desvantagem de serem obrigadas a montar com as duas pernas para o mesmo lado da sela! – é só nos anos do pós-guerra que uma amazona inglesa, Pat Smythe, estréia como primeira mulher a participar das provas de salto na história das Olimpíadas. Noutra modalidade, o turfe, é só recentemente que emergiram algumas jóqueis que competem nesse esporte tradicional que exige, particularmente, um

¹⁶ “As forçadas” como as chama Silvana Goellner: “...as mulheres que faziam exhibições de força física em casas de espetáculo, circos e *music halls* nos Estados Unidos e na Europa. Mulheres que tiveram certa projeção e eram reconhecidas pela atuação que faziam nesse sentido, cujo esforço físico desmistificava várias das representações que se tinha ao respeito do corpo feminino nesse momento. Como, por exemplo, da fragilidade, do recato e do medo de que elas pudessem ficar com o físico dos homens se fizessem muito esforço, em especial em esportes considerados violentos. Essas mulheres, que chamo de ‘forçadas’, em sua grande maioria casaram-se e foram mães, contrariando muito do que se falava delas”. (GOELLNER, 2004: 364)

¹⁷ Evidentemente, contribuindo fortemente para a produção de mitos e ideologias sobre a nação norteamericana

cavaleiro ou amazona de pouca altura e baixo peso. Na sua fascinante autobiografia, a mundialmente famosa jóquei norte-americana, Julie Krone, relata a história de sua batalha, nos anos 80, para poder se inserir profissionalmente nesse campo, tendo que enfrentar a resistência aberta – e muitas vezes, violenta – dos seus colegas homens. Ela comenta: “Eu era a primeira mulher jóquei que realmente ameaçou a posição dos jóqueis homens, e alguns deles simplesmente não queriam ser vencidos por uma ‘menininha.’ Eu estava lutando para achar um lugar em um esporte que tinha pouca abertura para as mulheres.” (apud ADELMAN: 290-291)

Noutro lugar (ADELMAN, 2004) discuti uma questão cultural que me pareceu muito significativa, a recorrente associação simbólica entre o cavalo, o ato (prática) de cavalgar e a liberdade feminina, tanto na literatura e nas tradições populares¹⁸ quanto nos depoimentos das amazonas que entrevistei. Para estas, a participação no esporte e no mundo equestre constitui a base de uma identidade da qual o desafio às convenções sociais da feminilidade faz parte, e da qual elas não pretendem abrir mão. Parece exemplificar o que muitas pesquisadoras da área de gênero e esporte vêm procurando – as formas em que participação esportiva das mulheres possa fomentar o *empoderamento feminino*, individual e coletiva, e ajudar a desconstruir poderosas normas sociais baseadas nas dicotomias e hierarquias de gênero. Era também uma identidade assumida por elas, em termos basicamente individuais. No entanto, comparações das falas das amazonas com os discursos de mulheres atletas noutros esportes levam a crer que trata-se de uma participação esportiva com características particulares marcantes, que contrastam com outras modalidades esportivas – como o próprio caso do vôlei, estudado por mim – nas quais o policiamento dos comportamentos (por possíveis transgressões à feminilidade normativa), exigências de exposição do corpo (um belo corpo feminino para imagens midiáticas), o

¹⁸ Desde algumas lendas antigas até romances modernos (ou num senso comum que aparece, muitas vezes, expresso na linguagem do imaginário masculino que sexualiza estas amazonas) Um exemplo particularmente interessante que encontrei foi a importante presença do cavalo no gênero da literatura infanto-juvenil dos EUA que pode ser designado pelo nome, *tomboy literature*, que se remete a uma construção cultural norte-americana desde o século XIX, de uma literatura protagonizada por “meninas que sempre quiseram ser meninos, meninas que gostariam de não ser aquilo que se entendia por ‘meninas’, até meninas que desprezavam todas essas distinções (entre meninos e meninas) e queriam, simplesmente, ser livres e sem gênero”. [McEWEN, 1997:XI]

status de celebridade, entre outros, produzem mensagens bem mais ambivalentes sobre *o que pode ser* uma mulher atleta.¹⁹

Contudo, a participação das amazonas do hipismo clássico num mundo esportivo de abertura relativamente recente para as mulheres está também condicionada pelo seu pertencimento a camadas sociais privilegiadas, que possuem recursos materiais e *capital cultural* que tendem a favorecer a quebra de barreiras historicamente impostas pela dominação masculina.²⁰ Daí o maior interesse que tenho agora em estudar o envolvimento de meninas/mulheres de camadas populares nos esportes equestres, não só por elas pertencerem a uma parcela numericamente maior da população brasileira, senão que, por constituir parte de uma categoria social que não vem sendo identificada como a “vanguarda” das transformações socio-culturais relativas ao gênero, pode potencialmente nos dizer muito sobre o avanço das mesmas sobre a sociedade como um todo. E inclusive, porque num contexto relacional, sua convivência “intra-classe” - pais, irmãos, colegas e possivelmente também, seus namorados e cônjuges - se daria exatamente com os homens que têm sido identificados como os “mais resistentes” às mudanças nas relações de gênero e o desmantelamento da dominação masculina (OLIVEIRA, 2003; RIBEIRO e FERRAZ, no prelo). O mundo do turfe parece ser um bom começo para tal proposta, sendo que os jôquei – tanto historicamente quanto no momento atual – são em grande parte pessoas oriundas das classes populares.²¹

Desafio etnográfico e olhar sociológico: os primeiros resultados.

¹⁹ Percebemos com clareza como opera, no atual mundo do esporte espetacularizado, a reprodução de um padrão estético e comportamental que é reforçado também em muitos espaços do cotidiano e disseminado pela mídia – sobre “o que é uma mulher” – um corpo com determinadas proporções e dimensões, uma mulher desejável e invejável nos termos de uma feminilidade determinado pelo olhar masculino e heterossexista e que se mantém como discursivo hegemônico, agindo sobre as meninas e as mulheres, moldando identidades e subjetividades aos seus desígnios. Pode ser, como disse a Kehl, falando sobre outro momento, que muitas mulheres “gozaram da feminilidade” construída historicamente pelos homens, e de fato não há muito lugar para dúvidas respeito ao grande investimento de muitas mulheres atuais nos discursos hegemônicos, que empurra o “projeto do corpo” esteticamente padronizado para o mais elevado lugar na lista de prioridades, para a construção de identidades e subjetividades

²⁰ Uma consideração mais aprofundada do entrecruzamento de relações de classe e gênero fará parte da discussão teórica que informa esta pesquisa.

²¹ O trabalho de Melo (1995) fala da origem humilde dos primeiros jôqueis brasileiros e o fato da sua participação esportiva se constituir como forma de ascensão social; minhas primeiras “idas ao campo” tendem a confirmar pouca mudança em termos de origem social, mas maiores dificuldades de efetivamente obter ascensão social através do exercício da profissão.

Comecei a frequentar o Jockey Clube do Paraná em maio de 2006, inicialmente por motivos vinculados a meu próprio envolvimento nos esportes equestres. Durante uma visita ao local, numa conversa informal com um trabalhador do Clube, fui alertada para a participação de duas meninas na Escolinha de Aprendizes do Jockey, fato novo na história da Escolinha. Em outras conversas informais, a participação de mulheres jôqueis no turfe brasileiro foi comentado, fazendo referências frequentes a duas ou três que correm em São Paulo, que são vistas como “profissionais de sucesso”.

Foi desta forma que – quase espontaneamente – iniciei meu “estudo piloto” : mantive conversas informais com pessoas que participam do cotidiano do Clube em diversas funções (tratadores, jôqueis, diretor da escola de aprendizes, aprendizes, diretor de marketing do clube, veterinárias, até com o porteiro do clube), comecei a frequentar as corridas que na atualidade estão ocorrendo apenas de 15 em 15 dias, nas sextas feiras de tarde e noite; observando também os “bastidores” das cocheiras, sessões de treinamento, e até um leilão de venda de potros puro sangue. Ao longo desses meses, de circular pelo Clube, e começar a me tornar uma pessoa conhecida por muitos que trabalham lá, nunca deixei de ter a sensação de, por ser mulher, atrair curiosidade (que um *outsider* de sexo masculino não atrairia), de estar circulando por um espaço eminentemente masculino²². No entanto, sempre que tratou de explicar para alguém sobre meu interesse de fazer pesquisa no JCP, fui muito bem recebida – desde os jôqueis que entusiasmaram-se com a possibilidade de serem ouvidos, poder falar sobre suas experiências no esporte e expressar sua preocupação pelo que eles percebem como estado de crise do turfe, até os donos de cocheira e o diretor de marketing do Clube, que mostraram interesse na possibilidade de uma pesquisa acadêmica atrair mais atenção para um universo esportivo que vem perdendo espaço e popularidade. As mulheres – jôqueis e veterinárias – com as que falei também se mostraram receptivas e por vezes, até ansiosas de poder partilhar suas experiências como membros do “gênero minoritário” neste espaço.

²² Sentimento que a jôquei e a aprendiz já entrevistadas confirmaram, apontando que o estranhamento inicial foi grande, mas com o passar do tempo, acabavam sendo aceitas e formando parte “do cenário”. Para esclarecer “fatos objetivos” vinculados a tais sensações, posso relatar que num sábado típico que fui observar a sessão de treinamento dos cavalos (ocorrendo todas as manhãs aproximadamente das 6:30 às 10:00), numa área (a raia e espaços contíguos, que incluem cocheiras, cantina etc.) com um trânsito de em torno de 200 pessoas, somente três (me incluindo) eram mulheres.

Estas experiências iniciais vêm ao encontro com meu próprio desejo de me engajar numa experiência de trabalho etnográfico, no sentido da antropologia e da sociologia interacionista -- realizar a “descrição densa” que permite ir além dos depoimentos individuais para a reconstrução de um microcosmos ou pequeno universo social, participar do cotidiano do local para poder partilhar momentos de trabalho e lazer com seus integrantes, dando atenção particular as formas de sociabilidade estabelecidas, e – num bom sentido sociológico - perceber também como na interação cotidiana as hierarquias sociais (classe, raça e gênero) são (re) produzidas e/ou contestadas.

Como expliquei acima, me interesso também por questões específicas sobre as mudanças históricas num campo esportivo particular, o que pode exigir pesquisa de fontes históricas, documentais ou orais – neste segundo caso, entrevistas com membros de famílias tradicionais do mundo do turfe e jóqueis aposentados que ainda freqüentam o clube. Pretendo portanto complementar a observação participativa com entrevistas (com o diretor e vice diretor do clube, proprietários/criadores, e outras pessoas que ocupam posições diversas na organização local e nacional do turfe) e histórias de vida, este último método a ser utilizado nos casos de informantes que tenham uma história pessoal potencialmente revelador dos processos e mudanças que pretendo estudar. Neste grupo, devem incluir-se jóqueis homens e mulheres, assim como treinadores/as, veterinárias, e outras pessoas com participação significativa na vida esportiva do Clube. A questão relativa aos tipos de masculinidades e a “homossociabilidade” que se constroem no meio, poderá ser atendida juntando observação e depoimentos. Da minha primeira convivência no campo, que inclui também a observação de uma tarde de leilão ²³, venho entendendo que a virilidade entendida em termos de proeza atlética/esportiva seria só um aspecto, e não necessariamente o mais importante -- só os jóqueis (e alguns tratadores que também têm funcionar de “galopar os cavalos”) montam os cavalos, mas a masculinidade dos outros homens envolvidos podem relacionarse a outros fatores importantes, como a associação entre a masculinidade e *o jogo*, a posse do cavalo como patrimônio e capital (material,

²³ Venda de potros novos - evento ao mesmo tempo social e de negócios. O JCP fornece almoço para todos, no local especial – *o tattersall* – que é mantido para a finalidade específica do leilão. Naquele dia, o local estava relativamente cheio; tratadores, treinadores, jockeys, criadores, e clientes sentados juntos, comentando os animais que estavam à venda e analisando as opções. Havia pouquíssimas mulheres presentes no local - exceções geralmente mulheres que pareciam estar “acompanhando marido”, e claro, as jovens

simbólico), questões de status e poder adquiridos sendo proprietário de cavalo, haras, cocheiras, etc.

Também vale mencionar que a primeira fase da pesquisa de campo vem sendo marcada pelo estabelecimento de uma série de amizades pessoais e da confiança que pode ser o contexto de acesso ao mundo subjetivo dos autores. Isto que na sociologia empiricista é freqüentemente visto com suspeita, nas perspectivas da etnografia e da sociologia interacionistas consideram-se como *condições de realização* de um bom trabalho de campo. Para mim, até agora, a amizade estabelecida principalmente com as duas “joquetas” atualmente atuantes no JCP tem sido um dos elementos de maior prazer e gratificação neste início de pesquisa; não me parece ser um elemento que possa interromper a espontaneidade na interação com outros integrantes do espaço, inclusive porque tenho deixado claro, sempre que converso com alguém sobre a pesquisa, que tenho um interesse particular em captar a presença e o impacto da participação feminina. Em todo caso, o “risco” das identificações com uns e/ou outros faz parte dos desafios do campo, cabendo à pesquisadora construir caminhos que possam ir abrindo as janelas do olhar, sem fechar portas de acesso.

Bibliografia:

ADELMAN, Miriam (2006) “Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades”. *Revista Movimento*. Porto Alegre

ADELMAN, Miriam. (2003) “Mulheres Atletas: Re-significações da Corporalidade Feminina?” *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC. Vol. 11, no. 2, pp. 445-265.

ADELMAN, Miriam (2004^a) *A Voz e a Escuta: Encontros e Desencontros entre a Teoria Feminista e a Sociologia Contemporânea*. Tese de Doutorado defendida na UFSC (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) Florianópolis: maio.

ADELMAN, Miriam. (2004b) “O desafio das amazonas: a construção da identidade de mulheres como atletas e amazonas do hipismo clássico (salto) brasileiro”. Em: Simões, A.C., e Knijik, Jorge D., *O Mundo Psicossocial da Mulher no Esporte: Comportamento, Gênero, Desempenho*. São Paulo: Editora Aleph. (pp.277-304)

ALMEIDA, Miguel Vale do. (2000). *Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa: Fim de Século Edições.

funcionárias - todas loiras, de salto alto e camiseta e calça pretas bem justinhas – que recebiam os que vinham chegando, entregando para eles o catálogo do evento.

- ARILLHA, M., RIDENTI, S., MEDRADO, B., orgs. (1998) *Homens e Masculinidades: Outras palavras*. São Paulo: Ecos/Editora 34.
- BARKER, Gary T. (2005) *Dying to be Men: Youth, Masculinity and Social Exclusion*. London/New York: Routledge.
- BIRRELL, Susan e MC DONALD, Mary. (2000) *Reading Sport: Critical Essays on Power and Representation*. Boston: Northeastern University Press.
- BORDO, Susan. (1994) "Feminism, postmodernism, and gender skepticism" In: Nicholson, Linda J., org. *Feminism/postmodernism: Thinking gender*. New York: Routledge. Pp. 133-156.
- BORDO, Susan. (1997) *Twilight Zones: the Hidden Life of Cultural Images from Plato to OJ*. Berkeley: University of California Press.
- BRUMBERG, Joan Jacobs. (1997) *The Body Project: an Intimate History of American Girls*. New York: Random House.
- BUTLER, Judith. (1990) *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York/London: Routledge.
- CECCHETTO, Fátima Regina. (2004) *Violência e Estilos de Masculinidade*. RJ: Editora FGV.
- CONNELL, Robert W. (1995^a) *Masculinities*. Berkeley: University of California Press.
- CONNELL, Robert W. (1995b) "Políticas da Masculinidade". *Revista Educação e Realidade*. V.20, n.2. Especial: Gênero e Educação.
- DAVIS, Janet M., (2002) *The Circus Age: Culture & Society under the American Big Top*. Chapel Hill/London: University of North Carolina Press.
- FESTLE, Mary Jo. (1996) *Playing Nice: Politics and Apologies in Women's Sports*. New York: Columbia University Press.
- GOELLNER, Silvana. (2004) "Mulher e Esporte no Brasil: Fragmento de uma História Generificada". Em: Simões e Knijik pp. 359-374.
- HALL, Stuart (SOVIK, Liv, organizadora) (2003) *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*". Belo Horizonte:UFMG.
- JARVIE, Grant and MAGUIRE, Joseph. (1994) *Sport and Leisure in Social Thought*. London/New York: Routledge.
- KEHL, Maria Rita. (1998) *Deslocamentos do Feminino: a Mulher Freudiana na Passagem para a Modernidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- KRONE, Julie e RICHARDSON, Nancy Ann. (1995) *Riding for My Life*. Boston/New York/Toronto/London: Little, Brown and Company.
- KOSOFKY SEDGWICK, Eve. *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire*. New York: Columbia University Press. (Gender and Culture Series)
- LE COMPTE, Mary Lou. (1993) *Cowgirls of the Rodeo: Pioneer Professional Athletes*. Urbana/Chicago: Illinois University Press.
- LORBER, Judith. (1994) *Paradoxes of Gender*. New Haven: Yale University Press.

LOW, Setha, and LAWRENCE-ZUNIGA, Denise. (2003) *The Anthropology of Space and Place: Locating Culture*. Blackwell Publishers.

MASSEY, Doreen. *Space, Place and Gender*. (1994) Minneapolis: University of Minnesota Press.

MELO, Victor Andrade de. “Possíveis representações sobre o turfe na sociedade carioca do século XIX”.
<http://www.efdeportes.com/efd9/turf91p.htm>

MAGUIRE, Joseph. (1999) *Global Sport: Identities, Societies, Civilization*. Cambridge: Polity Press.

MC EWEN, Christian. (1997) *Jo's Girls: Tomboy Tales of High Adventure, True Grit and Real Life*. Boston: Beacon Press.

OLIVEIRA, Pedro Paulo (2004) *A Construção Social da Masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

RIBEIRO, Claudia Regina e FERRAZ, Vera Helena (no prêlo-2007). “O novo homem na mídia: ressignificações por homens docentes”. *Revista Estudos Feministas*.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. (2000) “As infinitas descobertas do corpo”. *Cadernos Pagu*. (14) Campinas: Unicamp. pp.235-249.

SCOTT, Joan (1990). “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre, 16 (2):5-22, jul/dez.

WILSON, Elizabeth (1991) *The Sphinx in the City: Urban Life, the Control of Disorder, and Women*. Berkeley/Los Angeles/Oxford: University of California Press.

